

Vozes de Abya-Yala

The Abya-Yala's Voices

Marco Antonio de Almeida

Livre-Docente em Ciência da Informação e Documentação pela USP; Livre-docente da FFCLRP/Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
E-mail: marcoaa@ffclrp.usp.br

DUQUE-CARDONA, Natalia (org.). **Linguagem, memória e informação**: fundamentação para a biblioteconomia e CI desde Abya-Yala. Florianópolis: Selo Nyota, 2023.

Pesquisadores latino-americanos da Ciência da Informação e da Biblioteconomia vêm construindo reflexões que deslocam e propõem uma revisão do padrão epistêmico, predominantemente eurocêntrico, no mundo acadêmico dessas áreas, a partir do olhar de Abya-Yala – uma expressão do povo Kuna, originário da Colômbia e que atualmente habita o litoral do Panamá, e que designa a América, numa perspectiva de autoidentificação e de pertencimento territorial e coletivo dos povos originários do Sul. O selo Nyota já publicou textos nessa linha, e agora apresenta, no livro organizado por Natalia Duque-Cardona, professora da Escola Interamericana de Biblioteconomia da Universidade de Antioquia, reflexões de jovens pesquisadores colombianos. O livro estará disponível inicialmente em versão digital, com posterior publicação impressa no segundo semestre de 2023.

A Colômbia é conhecida nas áreas de Ciência da Informação e Biblioteconomia brasileira principalmente devido às experiências inovadoras desenvolvidas na concepção e gestão de suas unidades de informação. Os projetos de suas bibliotecas-parque, particularmente, são referências para a discussão de inovações e de processos democratizadores. São experiências ricas que conectam instituições, coletivos e pessoas numa densa rede social e cultural atravessada por culturas, memórias e histórias.

Em sintonia com essas experiências, as reflexões em torno da Ciência da Informação e da Biblioteconomia apresentadas no volume organizado por Duque-Cardona assentam-se sobre uma postura praxiológica: a partir de um diálogo entre teoria e prática, buscam conectar as dimensões epistemológica, política e cultural do rico contexto colombiano.

O teórico dos estudos culturais Raymond Williams já nos havia advertido que a dominação exercida por setores, grupos ou classes sociais de uma dada sociedade não são exclusivamente sustentados pelos poderes econômico e político. A dominação também se

exerce por meio da “cultura do vivido”, entendida como o conjunto hábitos, experiências, modos de ver, que são ininterruptamente produzidos. Desse modo, no decorrer das etapas de vida das pessoas, da infância à velhice, boa parte do que elas pensam e sentem é produto da reprodução de uma ordem social profundamente introjetada (que, muitas vezes, nem é percebida plenamente, mesmo quando buscam construir uma oposição à ordem vigente). Esse processo se desdobra em um conjunto de lutas culturais que ocupam diferentes arenas: escolas, meios de comunicação, púlpitos religiosos, assembleias sindicais, fóruns políticos, organizações da sociedade civil e, claro, as unidades de informação. São lutas que constroem uma compreensão “legítima” do mundo por meio de um processo que envolve pressões, disputas, definições de posições e concepções.

O livro examina a constituição histórica desse processo, bem como seus desdobramentos mais recentes, partindo de um olhar interdisciplinar e das recentes abordagens no campo informacional, em especial os estudos decoloniais e as pautas identitárias. Dividido em cinco capítulos, examina abordagens e quadros analíticos para pensar a Ciência da Informação e a Biblioteconomia, trabalhando, nos capítulos posteriores, as concepções de Linguagem, Memória e Informação, para encerrar propondo uma reflexão que conecta esses conceitos em relação à Biblioteconomia e à CI.

A obra estabelece como foco o *anarquismo epistemológico* (Feyerabend), que instala no centro dos debates a *interculturalidade* (Walsh) como elemento disruptor de fronteiras em busca de uma transformação sociopolítica. Até muito recentemente, o padrão de conhecimento científico predominante foi o da aplicação técnica, em geral realizada por quem se encontra deslocado da situação existencial sobre a qual incide a aplicação. A racionalidade da comunidade científica acaba se sobrepondo à racionalidade das comunidades de saber local, gerando outro saber, sem mediações e escamoteando conflitos, definições e propostas alternativas. Como consequência, hoje ocorrem muitos embates que possuem como objetivo a legitimação dos saberes tradicionais e originários. Do ponto de vista das perspectivas do “Sul”, temos a recuperação e valorização dos saberes tradicionais, das visões ameríndias, que norteiam a construção de novos conceitos como o de “Bem Viver” e de “Mãe-Terra” (Pacha Mama), que se tornam operadores conceituais e de ação política.

As autoras e os autores partem de uma perspectiva *interseccional*, compreendendo recortes de classe, etnia e gênero, entrelaçadas de formas a permitir uma perspectiva mais complexa acerca das relações de poder. Esta perspectiva situa-se nos quadros de uma *justiça*

social epistêmica, que busca o reconhecimento, a redistribuição e a participação de conhecimentos e epistemologias situados. A obra demarca muito bem que as criações, enunciações e formas de compreensão do mundo cunhadas no âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação não são neutras: “a interseccionalidade é, portanto, uma ampla ferramenta analítica que permite refletir sobre a *multidimensionalidade* das pessoas e compreender seus lugares de enunciação e criação” (p. 23).

Autoras e autores enfrentam a complexidade do contexto latino-americano para tecer suas reflexões. Esta tentativa de construção multicultural dos saberes é contemporânea de uma mudança tecnológica de última geração que se combina com modos pré-informacionais e pré-globalizados de interação, ressaltando diferenças e divergências entre sociedades e culturas. Desse modo, é possível encontrar culturas tradicionais que passaram diretamente para uma “segunda oralidade” dos meios audiovisuais e eletrônicos, e que vivenciam as dificuldades com o acesso e a circulação dessas produções culturais não-hegemônicas em função da lógica predominante do mercado. Assim, ao lado dos três conhecidos paradigmas da informação apontados por Capurro (físico, cognitivo, social) emerge da discussão a proposta de um *paradigma intercultural* (Cardona), que “envolve conhecimento local, localizado, contextualizado e em sintonia com a história e a memória latino-americana” (p. 64). Sem deixar de recorrer aos demais paradigmas, dada a complexidade da informação no mundo contemporâneo, tal proposta busca lançar um olhar diferenciado sobre outros saberes e *epistemes*, possibilitando um alargamento das percepções e reflexões.

Entre os resultados que autoras e autores chegam, está a percepção de que o conceito de informação é de tipo fundante; o de memória, do tipo emergente; e o da linguagem, de tipo crítico em relação aos campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Desse modo, afirmam que o tratamento de questões de ordem técnica não deveria ser separado do tratamento das questões de ordem epistemológica e sociopolítica, sendo fundamental, portanto, refletir acerca do tipo de informação que foi e está sendo produzida em nossa região: “quais são suas características, de onde vêm os fundamentos epistêmicos dessa informação, como podemos abordá-lo, quais são as limitações que temos dado a sua natureza”. (p. 75) A partir de visões críticas acerca das linguagens de nosso contexto, é possível relacioná-las com as categorias de informação e memória, estabelecendo relações epistêmicas e propondo novos fundamentos a partir destes tensionamentos.

A obra conclui apontando a pertinência da informação inscrita como registro de memória, destacando sua importância em relação à cultura, à comunidade e ao território nos quais aquela memória foi registrada – indicando, assim, sua relevância epistemológica e política nos processos de circulação e apropriação social do conhecimento. Trata-se de uma conclamação para pesquisadores e profissionais da área considerarem a importância de um olhar “que atualize, inclua e mensure a importância cultural e histórica que a memória confere à informação inscrita e que se potencializa à luz dos estudos da linguagem” (p. 77).

O livro é um convite à reflexão dos pesquisadores e profissionais da informação brasileiros, que exercem suas atividades em contextos muito semelhantes aos da Colômbia. Também é, de certo, uma convocação a engrossar o coro de vozes progressistas que busca ampliar a justiça social em terras de Abya-Yala.

Resenha enviada em: maio 2023